

Clitemnestra e as justas libações, em Electra, de Sófocles

Jacquelyne Taís Farias Queiroz^{1*} 

Marlúcia Mendes da Rocha² 

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - Brasil

² Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - Brasil

*Autor de correspondência: jacquelynequeiroz@gmail.com

RESUMO

As tragédias gregas antigas demonstram o predomínio feminino nos ritos e o seu conflito com as leis da cidade (Andrade, 2020), que se consideram mais urgentes que os direitos reservados aos cadáveres. O teatro realiza essa discussão e rememora aos cidadãos quais os direitos reservados aos mortos são indispensáveis, independente das leis vigentes de Atenas. Nesse sentido observamos as cenas onde ocorreram libações feitas ao túmulo do rei Agamemnon na peça *Electra*, escrita por Sófocles. Parte da tragédia gira em torno das críticas tecidas pelas personagens em relação as oferendas fúnebres realizadas por Clitemnestra, acusando-a de impiedade por oferecer alimentos ao morto ao qual assassinou. Mesmo sendo alvo de protestos e ofensas, Clitemnestra não deixa de realizar as justas libações para garantir os direitos reservados ao cadáver.

PALAVRAS-CHAVE:

Clitemnestra
Direitos do cadáver
Electra
Sófocles
Ritos funerários

SUBMETIDO: 10 de janeiro de 2025 | **ACEITO:** 9 de maio de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de outubro de 2025
© fólio - revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Olhar com carinho para as personagens femininas que compunham as peças trágicas é perceber o sentido holístico da sociedade ateniense. Até o presente, os estudiosos têm se debruçado em estudar as partes que a compõem e graças a seus esforços chegamos até aqui, vemos e reconhecemos o valor de suas pesquisas. O momento agora nos pede para seguirmos e darmos um passo a mais em direção à compreensão dos fenômenos sociais da sociedade de Atenas em sua totalidade e globalidade.

Nesse sentido, identificar que as peças teatrais do século V a.C. são produtos de um rito religioso destinado ao deus Dionísio nos responde inúmeras questões, deixa mais claro e lógico as razões de ser das instituições, das práticas sociais, políticas e religiosas desse contexto. Analisar as tragédias isoladamente, ignorando o âmbito religioso é o mesmo que procurar as

respostas no fruto de uma árvore, sendo que a chave para a solução está em suas raízes.

Percebemos a poesia trágica como a parte desse todo, interdependente da religião cívica que cultuavam o Dionísio e os mortos. Olhando para os mortos enxergamos com clareza a beleza da existência e da atuação das mulheres atenienses¹. Mulheres com um papel insubstituível diante dos mortos e dos vivos². Como é possível analisar as tragédias gregas antigas e não vemos as mulheres?

Lessa (2004) nos fala que “A tragédia é o lugar do conflito, das tensões e rupturas; sendo as mulheres, nesse espaço agressivas, dominadoras, ativas e seres visíveis” (Buxton *apud* Lessa, 2004, p.80). Se Lessa (2004) menciona que as mulheres nos poemas trágicos se apresentam ativas ao invés de silenciosas e recolhidas, como explicar a invisibilidade:

- . dos “[...] gritos estridentes/ de ave aflita [...]” (Sófocles, *Antígona*, v.423-424) de Antígona diante do cadáver do irmão;
- . da astúcia de Helena que inventou um funeral falso do esposo para fugir do estupro (Eurípedes, *Helena*, v.1049-1100);
- . dos gritos de Electra incentivando o irmão Orestes a esfaquear a própria mãe pela segunda vez (Sófocles, *Electra*, v.1414);
- . de um grupo de mulheres com as cabeças raspadas, rostos e colos ensanguentados, ajoelhadas se humilhando aos prantos exigindo o resgate dos cadáveres sequestrados dos filhos (Eurípedes, *As Suplicantes*, v.42-62);
- . de Clitemnestra que foi mentora e executora da morte de um rei (Ésquilo, *Agamemnon*, v.1343-1398).

As mulheres não passavam discretas e despercebidas na poesia trágica. Boa parte das peças que chegaram até nós levam nomes femininos, as mulheres são protagonistas, apresentam diálogos e cenas inteiras dominadas por elas. As personagens femininas têm atuação chave para o desenrolar ou para proporcionar a reviravolta das tramas. Discutem, brigam, matam,

1 Ver: ANDRADE, Marta Mega. O espaço funerário: comemorações privadas e exposição pública das mulheres em Atenas (séc. VI e IV a.C.). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, n. 61, p.185-208, 2011.

2 Para saber mais: SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos fúnebres na Grécia Antiga: Um espaço feminino. *I Congresso Internacional de Religião, Mito, Magia no Mundo Antigo e IX Fórum de Debates em História Antiga*. 2010, p.348-365.

roubam, gritam e falam por si em público. Como ainda se considera dizer que tais ações encenadas no palco eram aleatórias e detinham sentido vazio?

Concordamos com Andrade (2001) quando nos diz que “O teatro não é um reflexo da realidade social, ela é a realidade social. Na medida em que a própria realidade social o fabrica como um dos seus mais atraentes produtos” (Andrade, 2001, p.24). por isso não percebemos lógica em acolher o teatro como fonte histórica e literária, e ao mesmo tempo excluir a mulher dessa fonte. Considerar a poesia trágica como fonte de investigação é acolher o todo que ele traz consigo como possibilidade de existência e propício a pesquisa.

É importante levar em consideração que o teatro demonstra mulheres atenienses que não eram tão passivas e castas quanto nos disse Xenofonte (Matos, 2012, p.212) e que “o imaginário de uma mulher grega reclusa que vivia para as tarefas domésticas à serviço dos maridos e dos filhos é fruto de uma historiografia masculina” (Matos, 2012, p.213).

Para Aristóteles, o cidadão não obedece, ele é sempre o timoneiro, trocando de posição com o seu semelhante (Andrade, 2019, p.134). Pensando nesse sentido e tomando como ponto de referência as tragédias gregas estudadas e analisadas, estabelecemos alguns questionamentos: No teatro, as personagens femininas eram obedientes? Não. As mulheres presentes nas tragédias gregas eram fiéis aos seus ideais e não cediam às leis criadas pelos mortais. Vamos pensar em algumas personagens: Medéia, Electra, Clitemnestra, Hécuba, Ifigênia, Antígona, Etra, Helena e outras tantas... a quem elas se submeteram? A ninguém, porque como cidadãs também dirigiam o navio ao lado dos timoneiros, revezando o lugar com eles. Por isso, enxergamos nas tragédias âmbito para identificar como a mulher era respeitada e não excluída (Pomeroy, 1999, p.75).

As tragédias demonstram o predomínio feminino nos ritos e o seu conflito com as leis da cidade (Andrade, 2020, p.125), que se consideram mais urgentes que os direitos reservados aos cadáveres. O teatro realiza essa discussão e rememora aos cidadãos quais os direitos reservados aos mortos são indispensáveis, independente das leis vigentes de Atenas. Lembramos que os ritos funéreos não são restritos ao âmbito religioso, mas são parte integrante da sociedade ateniense no sentido holístico, pois não cumprir os ritos da vida cotidiana é uma negligência social, cívica e religiosa (Vernant, 2000, p.198-200).

As peças trágicas trazem consigo situações de ameaça ou a efetivação de vilipêndio. Como não abordar sobre o ultraje ao cadáver se o deus Dionísio é o “esquartejador de homens” (Otto, 2001, p.79-80)? É necessário reconhecer o crime para se fazer a justiça. O deus dual e ambíguo Dionísio carrega consigo a transgressão e a ordem, a desonra e a honra aos mortos. Como o deus dos mortos e por ter sido também esquartejado reconhece melhor que qualquer outra divindade a urgência e os direitos reservados aos mortos.

O deus Dionísio não se revela nas tragédias através do sofrimento, mas se revela pela duplicidade e “do afastamento quase tangível, o encontro avassalador com o irrecuperável, a fraternização, a união com a vida e a morte” (Otto, 2001, p.152). Por isso, as personagens femininas trágicas, em nome da defesa dos direitos dos cadáveres, apresentam em comum a benção dionisíaca da loucura³ que, segundo Otto (2001, p.152), são as ações realizadas com base nos acontecimentos do presente imediato e o indivíduo reage rapidamente a imprevistos, focando somente no que é preciso fazer sem medir os possíveis prejuízos para si pois, graças à atuação desse espírito da loucura é que o milagre da presença imediata se torna um acontecimento. Passando longe do sentido pejorativo atribuído às ações loucas na contemporaneidade.

Entre as personagens femininas que aos olhos de muitos da atualidade são consideradas “loucas” nos deparamos com Clitemnestra (da tragédia *Electra*) que, à sua maneira agiu em nome da defesa e da garantia dos direitos de um cadáver, mesmo que ela tenha sido quem provocou a sua morte.

A tragédia *Electra*⁴, escrita por Sófocles faz parte do ciclo miceniano. As peças que compõem esse ciclo narram a história da família dos atidas considerada uma das mais antigas da Grécia (Thiercy, 2009, p.58). Os acontecimentos que ocorreram essa família se emaranham muitas vezes com muitas situações que envolveram a guerra Troia que ocorreu por volta do século XIII a.C.

A peça *Electra* traz destaques para as vozes de personagens femininas que por diversos motivos não se manifestaram na poesia homérica. Sófocles oferece oportunidade das mulheres agirem e narrarem os mesmos

3 A loucura é utilizada pelo deus Dionísio como uma benção ou como castigo e punição que é o caso do que ocorre com peça *Bacantes*, de Eurípedes.

4 Lembrando que existe outra peça que também se chama *Electra*, porém foi escrita por Eurípedes por volta de 420 a.C., sendo considerada anterior à peça de Sófocles.

acontecimentos presentes na *Ilíada* (por exemplo) a partir do ponto de vista feminino. As mulheres que estavam presentes nas tramas homéricas como figurantes inertes, sem fala ou voz, nas tragédias passam a discutir, agir e lutar.

Para termos ideia; essa tragédia *Electra* possui nos primeiros 75 versos um diálogo realizado por Orestes e o preceptor, provavelmente foi um dos poucos momentos da peça em que figuras masculinas dominaram a cena. Logo em seguida, se inicia um diálogo entre o coro (compostos por mulheres), Electra, sua irmã Crisótemis e sua mãe Clitemnestra que se estende entre os versos 86 a 659 até o preceptor adentrar a cena, trocar algumas falas e se ausentar novamente. O palco volta a ser dominado por personagens femininas entre os versos 800 e 1095 quando Orestes e outros personagens masculinos passam a dividir a cena com elas.

Olhando para esses números rapidamente percebemos que as personagens femininas ficaram uma boa parte do tempo no palco com exceção dos 75 primeiros versos dos 1510 do total. Uma peça com nome de mulher, com personagens femininas que discutem sobre as ações e futuras consequências de outra mulher. Quem Sófocles quis fazer ver? Inferimos que ele teve o intuito de fazer as mulheres atenienses do séc. V a.C. serem vistas e ouvidas.

Boa parte da trama contém a encenação de uma das partes que compõem os ritos fúnebres pós inumação: a entrega de ligações ao túmulo. Durante a narrativa o túmulo de Agamenon é alvo das oferendas, lamentações e orações. Nesse túmulo os personagens revelaram as opiniões, as súplicas, os desgostos, as mazelas do palácio, o desejo de vingança e o planejamento de um matricídio.

As libações, que geralmente eram compostas por água, leite, vinho e mel, eram despejadas em vasos cerâmicos específicos com ausência de fundo, fincados na terra servindo de acesso ao submundo, onde os líquidos poderiam ser despejados e escoando no solo com a possibilidade de chegarem até os mortos (Burkert, 1993). Costumava-se dizer que essas oferendas serviam para acalmar os mortos. Mas, após lermos e analisarmos tantas tragédias e principalmente nos atentando à peça *Electra*, podemos inferir que, além dos mortos, essas libações serviam de bálsamo para o ânimo e aplacavam a ira dos vivos também.

A peça apresenta cinco personagens realizando as mesmas ações funerárias: a entrega de libações, a realização de lamentos e orações no

túmulo de Agamemnon. O que nos faz observar com atenção quatro momentos importantes da trama:

- . Orestes e o preceptor lamentam e entregam libações (Sófocles, *Electra*, v.51-52 e 82-85)
- . Electra realiza lamentos junto com o coro (Sófocles, *Electra*, v.86-323)
- . Crisótemis caminha em direção ao túmulo para entregar sacrifícios fúnebres a pedido de Clitemnestra (Sófocles, *Electra*, v. 324-327)
- . Clitemnestra e algumas servas se deslocam em direção ao túmulo para fazer libações e orações após discutir firmemente com Electra (Sófocles, *Electra*, v.630-659)

A peça ocorre dentro de um contexto funerário, começa com lamentos e libações ao túmulo de um assassinado e finda com um matricídio. A narrativa apresenta como tema a morte, os mortos, os ritos fúnebres e as mulheres como os principais personagens ativos dentre eles. Inclusive nos proporciona entender que as honras fúnebres poderiam ir além das formalidades contidas no rito em si, pois Electra entende que o tormento que ela proporciona aos assassinos de seu pai também é uma espécie de honra fúnebre (Sófocles, *Electra*, v.355-356).

No enredo da peça, o coro (composto por mulheres) avisa a Electra que Crisótemis “[...] filha do mesmo pai e da/ mesma mãe, [vem] trazendo nas mãos sacrifício fúnebres,/ que se costuma oferecer aos mortos” (Sófocles, *Electra*, v.325-327). Após interrogar a irmã, esta lhe diz que está cumprindo o pedido de sua mãe Clitemnestra, pois leva libações para agradar os mortos e desta maneira afastar os males dos presságios que viu e sentiu em um sonho.

Electra tomada pela cólera tenta convencer Crisótemis a não entregar as libações que Clitemnestra enviou para o túmulo de Agamemnon, argumentando da seguinte maneira:

Não, ó irmã, das coisas que tens nas mãos
nada deponhas no túmulo, pois não é justo
nem lícito que ofertes da parte de uma esposa inimiga
oferendas, nem que leves água lustral ao nosso pai,
mas lança-as aos ventos ou esconde-as num buraco
profundo, para que nunca cheguem ao leito
paterno. E, quando ela morrer, que essas coisas
se conservem lá embaixo incólumes para ela.
Assim, se ela não tivesse sido a mulher mais
audaz de todas, jamais espalharia essas hostis

libações no túmulo daquele que ela matou.
Pensa bem, tu achas que o morto é favorável a ela,
a ponto de receber, na sepultura, esses presentes
das mãos pelas quais ele, sem honra, foi mutilado como
um inimigo, e ela para purifica-las, limpou as manchas
de sangue na cabeça dele? Não percebe que carregas
as oferendas que a absolverão do assassinato?
Isso não está certo. Joga isso fora. [...]
(Sófocles, *Electra*, v.431-448)

No trecho, Electra pede encarecidamente que a irmã jogue fora ou esconda em algum lugar as oferendas enviadas por Clitemnestra. Electra, em seu ponto de vista não considera justo que a assassina realize libações para a sua vítima. Afirma não crêr que o morto acolha os presentes de quem o matou. Porque as mesmas mãos que entregam as libações, foram as mesmas que o assassinaram, limparam-no e concederam as devidas honras fúnebres.

No mesmo trecho que ela julga como errada a atitude de Clitemnestra de libar o marido, Electra arremata a sua linha de raciocínio com o seguinte questionamento à irmã: “Não percebe que carregas as oferendas que a absolverão do assassinato?”. Essa pergunta nos faz perceber que ao mesmo tempo que Electra considera injusto os presentes que a mãe envia ao túmulo de seu pai, ela tem consciência que Clitemnestra não teria outra opção, é o dever dela garantir os direitos dos cadáveres da família. Porque uma questão não está atrelada a outra, ela ser a assassina não a exime ou a exclui dos deveres diante dos mortos. Se como assassina Clitemnestra se abstivesse do seu dever diante do cadáver o seu crime é agravado.

Então qual é a intenção de Electra ao persuadir a irmã a não entregar as libações enviadas por sua mãe para Agamemnon? Electra não quer defender o pai morto, mas prejudicar Clitemnestra tornando o seu crime ainda mais ímpio à vista dos vivos. Deixando claro que além de assassina, a mãe não desempenhou o seu papel em garantir os direitos do cadáver. Por outro lado, Clitemnestra não nega que cometeu o assassinato:

Teu pai [...]
[...] morreu nas minhas mãos. Nas minhas mãos, bem
sei. Não posso negar isso,
[...]
pois este pai, pelo qual sempre te lamentas,
foi o único dentre os gregos a ousar sacrificar
a tua irmã [Ifigênia] aos deuses, não tendo sofrido tristeza
igual a minha, quando a semeou, como eu que gerei.
(Sófocles, *Electra*, v.525-533)

Clitemnestra alega que não fez nada sozinha porque a Justiça a acompanhou todo o tempo. Agamemnon entregou a sua filha Ifigênia em sacrifício em prol de uma guerra que não pertencia à sua família e nem eram os causadores dela. Ele atraiu Ifigênia para ser sacrificada dizendo que seria entregue como esposa a Aquiles e na verdade acabou tendo como marido Hades ao ser imolada em honra à deusa Artémis. Clitemnestra também se sentiu traída porque enganada acompanhou a filha até o local do holocausto acreditando estar preparando a filha para um casamento (Eurípedes, *Ifigênia em Áulis*, v.1135-1217).

Aos seus próprios olhos, Clitemnestra somente matou quem matou a sua filha. E os olhos de Clitemnestra são delineados por princípios matriarcais, pois a rainha agiu conforme a Justiça, pois “matou o esposo Agamemnon, para vingar seu próprio sangue derramado, o sangue materno, na pessoa de sua filha Ifigênia” (Brandão, 2001, p.29). Sob o ponto de vista patriarcal, o assassinato de Agamemnon é hediondo, mas sob a perspectiva do matriarcado Clitemnestra fez o que lhe cabia fazer. As Erínias dão atenção aos crimes que têm vínculos de sangue e que colocam em risco a sacralidade materna. Então, o fato de uma esposa matar o próprio esposo isso pouco lhes importa, porque os envolvidos não estão ligados consanguineamente. Por isso, as Erínias não perseguem Clitemnestra na trama (Brandão, 2001, p.30).

Uma questão foi a rainha fazer Justiça cobrando o sangue de Agamemnon pelo sangue derramado de Ifigênia. Outra questão seria a rainha se conduzir de maneira impiedosa privando Agamemnon dos ritos fúnebres já que é o seu dever garantir todos os direitos reservados aos cadáveres familiares. Por isso, a sua cautela constante em manter bem cuidado o túmulo de seu esposo morto e sempre lhe oferecer as libações necessárias.

Com intenção de prejudicar Clitemnestra, Crisótemis desiste de fazer as libações a mando da mãe. Orientada por Electra, decide depositar mechas dos cabelos de ambas, um cinto sem ornamentação como oferendas no túmulo do pai e fazer súplicas contra os inimigos, com a intenção de futuramente fazer “[...] libações com/ mãos mais ricas do que as que ora temos.” (Sófocles, *Electra*, v.457-458).

Logo, em seguida, entra em cena Clitemnestra com um grupo de cativas com novas libações destinadas ao túmulo de Agamemnon, no caminho se depara com Electra e após discussão inflamada, mesmo recebendo duras

críticas, se propõe a concluir a libação que se propôs realizar no túmulo do esposo: “Levanta então tu - minha serva - as oferendas/ de todos os frutos, para que a este senhor eu eleve/ súplicas libertadoras dos temores que ora tenho.” (Sófocles, *Electra*, v.634-636).

Agamemnon se revelou para Clitemnestra em sonho “pegando no cetro, que carregou outrora, e que hoje, está com Egisto, plantou-o junto à lareira./ Dele brotou um ramo crescente que tornou/ sombreada toda a terra dos micênicos” e logo ao despertar do sono foi contá-lo ao Sol (Sófocles, *Electra*, v.420-425). A lareira é o local do *oikos* onde representa a moradia dos numes, dos antepassados e dos ancestrais daquela família (Coulanges, 2001). Local onde com cuidado se conserva o fogo familiar, eram entregues as oferendas, alimentos e orações de toda sorte. O cajado simboliza o poder ao qual o seu portador tem diante da comunidade. Deus Dionísio é o deus dos ramos e das árvores (Otto, 2001, p.116). As Erínias são associadas às sombras e a noite, enquanto Apolo é ligado à luz e ao Sol.

Um espírito, um cetro, uma lareira, uma árvore gigantesca e uma sombra. Com esses elementos, podemos fazer inúmeras combinações e interpretações. Um rei que entrega o seu cetro aos antepassados na lareira e Micenas passa ser governado pelas mulheres com a benção de Dionísio e das Erínias? Agamemnon, ao plantar no solo o cetro, devolve o poder da cidade às mulheres? Os antepassados vão enviar algo que cobrirá Micenas com maldições? O cetro do reino não pertencerá a alguém vivo da família? Assim como nós, a rainha não conseguiu interpretar ao certo as visões que teve. Por isso, Clitemnestra decide realizar novas libações para Agamemnon a fim de compreender melhor o seu sonho através do auxílio dos Numes.

Os versos 637 a 659 correspondem à oração feita por Clitemnestra ao deus Apolo enquanto entregava libações ao túmulo de Agamemnon. Por conta da riqueza de informações neles contidas, decidimos analisá-las dividindo-as em partes para melhor identificar o que contém neles. A primeira parte da oração, Clitemnestra dirige as seguintes palavras ao deus Sol:

Por favor, escuta-me, agora, Febo Protetor
minha prece secreta, pois o meu relato não se dá
entre amigos, não convém expor tudo
à luz, estando essa [Electra] perto de mim,
para que não espalhe com inveja e com gritos
vociferantes palavra vã por toda a cidade.
(Sófocles, *Electra*, v.637-642).

Primeira pergunta que nos fazemos é: Qual é a intenção de Clitemnestra fazer uma oração pedindo auxílio ao deus Apolo? Entendemos que Apolo como deus dos oráculos poderia auxiliar na interpretação dos sonhos. Outra questão sobre Apolo é que ele, assim como os outros deuses do Olimpo, tem a natureza dupla; ou seja, ao mesmo tempo que ele traz a purificação e a cura, também pode propiciar a peste e a poluição (Malta, 2000, p.56).

Clitemnestra tem o cuidado de não revelar o sonho que teve diante dos que estavam presentes. Afirma que não irá expor tudo para que Electra não expressasse alegria e contentamento de maneira exacerbada ao saber das visões que teve. Por que Clitemnestra se preocupa em manter o sonho que teve oculto? Porque ela assim como qualquer outro que escutasse o seu sonho poderia atribuir o significado que mais lhe fosse conveniente piorando assim a sua reputação diante da cidade. Então, utilizando as palavras com cautela a rainha continua a sua prece secreta:

Escuta-me assim, pois assim me expressarei.
Com efeito, às visões que vi nesta noite,
de sonhos duplos, se essas a mim, senhor Lício,
se revelam favoráveis, dá que se realizem,
mas, se contrárias, lança-as de volta aos inimigos.
(Sófocles, *Electra*, v.643-647).

Clitemnestra menciona que o seu sonho teve duplo sentido, podendo significar bons acontecimentos ou ser anúncio de desgraça eminente. Então pede que se concretizem se forem bênçãos, caso contrário, que os malefícios atinjam as pessoas que se demonstram mal-intencionadas contra ela. Ainda direcionando a sua oração ao deus Apolo, Clitemnestra pede:

E se alguns pensam em despojar-me da atual
riqueza, arditamente, não permitas,
mas que eu viva sempre uma vida tranquila
a governar a casa dos atidas e este cetro
(Sófocles, *Electra*, 648-651)

Lendo com atenção o trecho acima, perguntamos: Quem governa agora Micenas? Clitemnestra. Em sua oração fica claro que ela pede a bênção a Apolo para continuar governando, pois temia receber golpe e despojada do seu governo. O que chama a nossa atenção é o fato dela ter direcionada essa oração ao Apolo, que segundo Brandão (2001, p.31), é o deus “protetor incontestado do patriarcado”. Temos a ligeira impressão que ela se concilia com o deus do patriarcalismo e não rivaliza com ele para ter um bom governo matriarcal.

Mesmo sendo a assassina, Clitemnestra garantiu os direitos do cadáver de sua vítima, o rei Agamemnon. Porque independente dele ter sido o autor da morte de Ifigênia isso não tira dele os direitos de receber funeral, assim como Clitemnestra sendo a responsável pela morte de Agamemnon são a faz se esquivar de lhe prestar todas as devidas honras fúnebres por mais indigno que pareça ser.

Acreditamos que no ponto de vista matriarcal, Clitemnestra não cometeu crime, mas Orestes ao assassiná-la sim, pois após cometer o matricídio passa a ser perseguido pelas Erínias com duras visões de “[...] mulheres horrendas como Górgones,/ vestidas de negro, com as tranças/ de crebas serpentes [...] eis claro cadelas raivosas da mãe” (Ésquilo, *Coéforas*, v.1048-1054). Suas ações são de uma gravidade tão intensa que Orestes passa por um julgamento no aerópago de Atenas e que tem Apolo como seu advogado, acontecimentos que foram narrados na peça *Eumênides*, de Ésquilo e também descritos na trama *Orestes*, de Eurípedes. Orestes além de cometer crime de matricídio, foi impiedoso por ultrajar o cadáver de Egisto decapitando-o e entregando o seu corpo aos cães e animais selvagens (Sófocles, *Electra*, v.1487-1490)

Retomamos o questionamento que Electra faz a Crisótemis no verso: “[...] Não percebe que carregas/ as oferendas que a absolverão [Clitemnestra] do assassinato?” (Sófocles, *Electra*, v.446-447). E ao refletirmos um pouco, logo identificamos que Electra tinha consciência que as ações de sua mãe não eram crime e que as libações denotavam o cumprimento correto de seus deveres relativos aos cadáveres. Clitemnestra ao discutir com Electra lhe chama atenção nesse sentido:

[...]e ainda muitas vezes, diante de muitos,
disseste que sou arrogante e sem justiça
governo, ultrajando a ti e ao que te concerne.
[...]
pois a Justiça, à qual devias te aliar, se fosses sábia,
o arrebatou [Agamemnon], não eu sozinha,
[...]
E a morta [Ifigênia], se pudesse falar, concordaria.
Eu não estou abatida com o que fiz,
e, se a ti pareço raciocinar muito mal, procura
ter uma opinião mais justa, antes de censurar os outros.
(Sófocles, *Electra*, v. 520-550)

Em sua perspectiva, Clitemnestra fez o que lhe cabia e por isso não se mostra arrependida. E por que Electra sendo mulher, filha de Clitemnestra (que fez justiça) e irmã de Ifigênia (que sofreu injustiça) condena os atos da mãe?

Porque os olhos de Electra estão moldados à luz do patriarcado e por isso somente percebe Clitemnestra como “[...] a mulher mais audaz de todas” (Sófocles, *Electra*, v.439-440) justamente por colocar os princípios matriarcais, a santidade materna e as leis das Erínias acima do patriarcado. Clitemnestra como mãe cobrou pelo sangue de sua filha Ifigênia e como mulher garantiu os direitos reservados ao cadáver realizando funeral e entregando as devidas libações ao homem ao qual assassinou. Fazendo serem justas as libações entregues ao túmulo de Agamemnon.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marta Mega de. A palavra de mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.40, n.84, p.119-140, 2020.
- ANDRADE, Marta Mega de. A política e a “vida comum”. *Phoinix*, Rio de Janeiro, p.124-140, 2019.
- ANDRADE, Marta Mega. A “cidade das mulheres”: a cidadania e alteridade feminina em Atenas Clássica: Rio de Janeiro: LHIA, 2001.
- ANDRADE, Marta Mega. O espaço funerário: comemorações privadas e exposição pública das mulheres em Atenas (séc. VI e IV a.C.). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.31, n.61, p.185-208, 2011.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BURKERT, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Versão bilíngue grego-português. Tradução e notas Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras/FAPESB, 2004.
- ÉSQUILO. *Coéforas*. Orestéia II. Edição bilíngue grego/português. Estudo e tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- EURÍPEDES. *As Suplicantes*. Versão do grego, introdução e notas de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012.
- EURÍPEDES. *Helena*. Versão do grego, introdução e notas de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.
- EURÍPEDES. *Ifigênia em Áulis*. In: EURÍPEDES. *Ifigênia em Áulis, As fenícias, As bacantes*. Tradução e apresentação: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LESSA, Fábio de Souza. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- MALTA, André. *O Resgate do Cadáver: o último canto d’A Ilíada*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MATOS, K. B. de S. Uma revisão historiográfica das mulheres de Atenas: *As Bacantes* como possibilidade de feminino. *Mythos*, ano IV, n.II, Imperatriz – MA, junho/2021, p.201-216.
- OTTO, Walter Frederich. *Dionísio: Mito y Culto*. Spain: Ediciones Siruela, 2001.
- POMEROY, Sarah B. *Diosas, ramerias, esposas e escravas: mujeres en la antigüedad clásica*. Madrid: Akae, 1999.

- SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos fúnebres na Grécia Antiga: Um espaço feminino. / *Congresso Internacional de Religião, Mito, Magia no Mundo Antigo e IX Fórum de Debates em História Antiga*. 2010, p.348-365.
- SÓFOCLES. Antígone. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédia gregas*. Versão bilíngue grego-português. Tradução e notas de Guilherme de Almeida e Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.15-132.
- SÓFOCLES. *Electra*. Versão bilíngue grego-português. Tradução e notas de Orlando Luiz de Araújo. Fortaleza: Substância, 2014.
- THIERCY, Pascal. *Tragédias gregas*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- VERNANT, Jean Pierre Vernant. *O Universo, os deuses e os homens*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Clytemnestra and the fair libations, in Electra, by Sophocles

ABSTRACT

Ancient Greek tragedies demonstrate the predominance of women in rites and their conflict with the city's laws (Andrade, 2020), which are regarded as more urgent than the rights reserved for the dead. Theatre engages in this discussion and reminds citizens that the rights reserved for the dead are indispensable, regardless of the prevailing laws of Athens. In this sense, we observe the scenes in which libations are offered at the tomb of King Agamemnon in the play *Electra*, written by Sophocles. Part of the tragedy revolves around the criticisms voiced by the characters regarding the funeral offerings performed by Clytemnestra, accusing her of impiety for offering food to the dead man whom she murdered. Even though she is the target of protests and insults, Clytemnestra does not refrain from performing the proper libations to guarantee the rights reserved for the dead.

KEYWORDS:

Clytemnestra
Rights of the Dead
Electra
Sophocles
Funeral rites

SUBMETIDO: 10 de janeiro de 2025 | **ACEITO:** 9 de maio de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de outubro de 2025
© fólio - revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
